

A HORA E A VEZ DE JOÃO DE SANTO CRISTO: UMA ABORDAGEM SOCIAL.

Izabele Caroline Rodrigues Gomes (UEPG)

Resumo: Na literatura, música, pintura e nos gêneros artísticos de um modo geral, a arte da recriação tem espaço garantido e consolidado. Cópias, colagens, intertextualidades propiciam um novo olhar ao já visto em forma de revisita. É possível, inclusive, afirmar que assim é a vida social. Ouve-se hoje um discurso para amanhã dizê-lo também, à sua forma. Rocha (2013), em sua obra *Machado de Assis: por uma Poética da Emulação*, disserta sobre a técnica de leitura-colagem na obra de Machado, o que não impede ao leitor não frívolo transcender as barreiras do universo monocromático e estender suas teorias a outros consagrados autores. Deste modo, é possível perceber algumas intersecções entre o campo das literaturas e o campo da música, mais especificamente, entre a letra *Faroeste Caboclo*, da Banda Legião Urbana, lançada no álbum *Que País É Este*, e o Conto *A Hora e a Vez de Augusto Matraga*, publicado no Livro *Sagarana*. Ambas as estórias retratam a saga de um homem que vivencia inúmeras situações durante a vida, situações estas que culminam em um momento de decisão de vida – a hora e a vez, momento este que justifica de alguma forma todo o périplo vivido. Ambos, João e Nhô Augusto, são destemidos, foram traídos por suas esposas – traídos por inimigos -, e provam o gosto do inferno. Augusto por meio da surra que leva quando sua morte é encomendada e João, quando vai ao inferno, sendo preso, espancado e violentado. No que diz respeito à estrutura textual das obras, dizemos que é necessário considerar que fazem parte de gêneros diferentes. Deste modo, esta tentativa de análise busca encontrar as semelhanças e as colagens realizadas na canção tomando por ponto de partida o conto.

Palavras-chave: Leitura-Colagem. Intertextualidade. Dialogismo.

1. Entendendo a colagem

Na literatura, na música, na pintura e nos gêneros artísticos de um modo geral, a arte da recriação tem espaço garantido e consolidado. Cópias, colagens, intertextualidades propiciam um novo olhar ao já visto em forma de revisita. É possível, inclusive, afirmar que assim é a vida social. Ouve-se hoje um discurso para amanhã dizê-lo também, à sua forma.

Os discursos são orientados pelos variados discursos que o entrecortam. Discursos estes que somam ao discurso que está sendo dito e que se orientam para o um discurso que será ouvido enquanto resposta e que ainda assim, este será permeado por inúmeros outros discursos. Dessa forma, já de início, ocorre a colagem. Colam-se discursos para que assim seja possível montar o discurso desejável.

Rocha (2013), em sua obra Machado de Assis: por uma Poética da Emulação, disserta sobre a técnica de leitura-colagem na obra de Machado, o que não impede ao leitor não frívolo transcender as barreiras do universo monocromático e estender suas teorias a outros consagrados autores e também ao discurso da vida real, do dia a dia.

Deste modo, é possível perceber algumas intersecções entre o campo das literaturas e o campo da música, mais especificamente, entre a letra Faroeste Caboclo, da Banda Legião Urbana, lançada no álbum Que País É Este, datado de 1989 e o Conto A Hora e a Vez de Augusto Matraga, publicado no Livro Sagarana, datado de 1971.

Ambas as histórias retratam a saga de um homem que vivencia inúmeras situações durante a vida, situações estas que culminam em um momento de decisão de vida – a hora e a vez, momento este que justifica de alguma forma todo o périplo vivido. Vale salientar que ambas as obras encontram-se no âmbito da construção ficcional, porém ambas retratam de forma artística o discurso oral.

É necessário então, para compreender essas leituras dialogadas, o desenvolvimento de uma técnica de leitura que possui na colagem o procedimento definidor, afinal é o ato de guardar na memória o que leu que possibilita a leitura colagem e também, é este ato que torna possível o processo de escrita.

Rocha (2013) nomeia como leitura-colagem quando o autor literário ou compositor seleciona a linguagem para convocar seus leitores / ouvintes a contribuir com o processo de construção ficcional, atribuindo sentido ao que leem. Este sentido apresenta inúmeras arestas, inúmeros caminhos possíveis, os quais são determinados pela bagagem de colagens que o leitor realiza.

Vale salientar que ambos, João e Nhô Augusto, são destemidos, foram traídos por suas esposas – traídos por inimigos -, e provam o gosto do inferno. Augusto por meio da surra que leva quando sua morte é encomendada e João, quando vai ao inferno, sendo preso, espancado e violentado.

Vale dizer também que mais uma colagem possível é sobre o fato de que ambos também recebem auxílio no momento derradeiro e desenganado. Primo Pablo, Mãe Quitéria e Pai Serapião atuam de modo amparador, trazendo dignidade aos personagens. Saliente-se, ainda, que ambos encontram a redenção por meio da morte. João sabia morrer, Nhô Augusto encontra seu destino com sorriso nos lábios abençoando e perdendo as pessoas de sua família e o seu próprio assassino.

No que diz respeito à estrutura textual das obras, dizemos que é necessário considerar que fazem parte de gêneros diferentes. *A Hora e a Vez* de Augusto Matraga é um conto longo que encerra a obra na qual está inserido. *Faroeste Caboclo* é uma canção composta para ser musicada. Então, estas peculiaridades devem ser levadas em conta.

É possível perceber a estruturação de sentenças em alguns momentos de modo similar, como se transcrevessem a linguagem efetivamente oral, com o início de frase com a letra “E” – “E a alta burguesia”, “E João não conseguiu o que queria”, e em Matraga – “E também fez”, “E aí o povo encheu a rua”.

Dito isto, visa-se neste trabalho realizar o processo de leitura colagem em ambas as obras e em seus contextos sociais, tentando verificar como ambas podem dialogar dentro do universo policromático das artes.

2. Colagens possíveis

Inúmeras são as intersecções possíveis entre estas duas obras no que tangem às temáticas e também à estrutura. O objetivo deste capítulo é mostrar o leitor, norteando as colagens que entenderam-se como possíveis. Subdividir-se-ão os capítulos em subcapítulos por similaridade de colagem, sejam elas tangenciadas pelos enredos ou pela linguagem.

Por meio das colagens estabelecidas aqui, espera-se que o leitor adentre ao campo dessas leituras realizando suas próprias colagens e propiciando então novos caminhos de leituras que só serão possíveis quando o mecanismo da memória de leitura for acionado.

2.1 Dionóra deixa Nhô Augusto e Maria Lucia deixa João de Santo Cristo.

O primeiro momento selecionado para demonstrar as intersecções de colagem dizem respeito ao momento nos quais, em ambas as obras, os protagonistas – Nhô Augusto e João de Santo Cristo são deixados pelas suas companheiras – Dionóra e Maria Lucia. No trecho selecionado abaixo, o leitor tem acesso à narrativa que informa o momento do abandono e troca feita por Dionóra

— Dionóra, você vem comigo... Ou eu saio sozinho por es se mundo, e nunca mais você há-de me ver! Mas Dona Dionóra foi tão pronta, que ele mesmo se espantou. — Nhô Augusto é capaz de matar a gente, seu Ovídio... Mas eu vou com o senhor, e fico, enquanto Deus nos proteger... Seu Ovídio pegou a menina do colo do Quim, que nada escutara ou entendera e passou a cavalgar bem atrás. E, quando chegaram no pilão-d'água do Mendonça, onde tem uma encruzilhada, e o camarada viu que os outros iam tomando o caminho da direita, estugou o cavalo e ainda gritou, para corrigir: —Volta para trás, minha patroa, que o caminho por aí é outro! Mas seu Ovídio se virou, positivo: —Volta você, e fala com o seu patrão que Siá Dona Dionóra não quer viver mais com ele, e que ela de agora por diante vai viver comigo, com o querer dos meus parentes todos e com a bênção de Deus! (ROSA, 2015. p. 300)

Dionóra deixa Nhô Augusto e segue com outra pessoa mesmo temendo os entraves que a maldade dele possam lhe causar. Da mesma forma, Santo Cristo é deixado por Maria Lúcia.

Foi quando conheceu uma menina E de todos os seus pecados ele se arrependeu Maria Lúcia era uma menina linda E o coração dele pra ela o Santo Cristo prometeu Eu vou me embora, eu vou ver Maria Lúcia Já está em tempo de a gente se casar Chegando em casa então ele chorou E pro inferno ele foi pela segunda vez Com Maria Lúcia Jeremias se casou E um filho nela ele fez. (Disponível em <<https://www.vagalume.com.br/legiao-urbana/faroeste-cabloco.html>>)

Isto posto, é possível que o leitor comece a perceber as colagens que são possíveis de realização entre as obras. Ambos os guerreiros são trocados por suas amadas num determinado momento de suas sagas por seus respectivos rivais. Esta é apenas a primeira de muitas, as quais serão elucidadas abaixo.

2.2 Quase morte de Nhô Augusto e quase morte de João de Santo Cristo

Nhô Augusto e João vivenciam em contextos sociais diferentes e inusitados sagas em busca de redenção. Ambos passam por momentos de quase morte e reviravolta de vida. Nhô Augusto tem sua quase morte detalhada abaixo

Desmancha! Já os porretes caíam em cima do cavaleiro, que nem pinotes de matrinhãs na rede. Pauladas na cabeça, nos ombros, nas coxas. Nhô Augusto desdeu o corpo e caiu. Ainda se ajoelhou em terra, querendo firmar-se nas mãos, mas isso só lhe serviu para poder ver as caras horríveis dos seus próprios bate-paus, e, no meio deles, o capiauzinho monga que amava a mulher-à toa Sariema. (...) ressoou a voz do Major: — Arrastem p'ra longe, para fora das minhas terras... Marquem a ferro, depois matem. (...) E, seguro por mãos e pés, torcido aos pulsos dos capangas, urrava e berrava, e estrebuchava tanto, que a roupa se estraçalhava, e o corpo parecia querer partir-se em dois, pela metade da barriga. Desprende-se, por uma vez. Mas outros dos homens desceram os porretes. Nhô Augusto ficou estendido, debruços, com a cara encostada no chão. — Traz água fria, companheiro! (...) Puxaram e arrastaram Nhô Augusto, pelo atalho do rancho do Barranco, que ficou sendo um caminho de pragas e judiação. E, quando chegaram ao rancho do Barranco, ao fim de légua, o Nhô Augusto já vinha quase que só carregado, meio nu, todo picado de faca, quebrado de pancadas e enlameado grosso, poeira com sangue. Empurraram-no para o chão, e ele nem se moveu. — É aqui mesmo, companheiros. Depois, é só jogar lá para baixo, p'ra nem a alma se salvar... (ROSA, 2015. p. 306)

Já o protagonista da canção, João de Santo Cristo vai ao inferno de forma metafórica, protagonizando assim, mais uma das inúmeras colagens possíveis entre ambas as produções artísticas

Já no primeiro roubo ele dançou E pro inferno ele foi pela primeira vez Violência e estupro do seu corpo Vocês vão ver, eu vou pegar vocês! Chegando em casa então ele chorou E pro inferno ele foi pela segunda vez Com Maria Lúcia Jeremias se casou E um filho nela ele fez. (Disponível em <<https://www.vagalume.com.br/legiao-urbana/faroeste-cabloco.html>>)

2.3 / Mãe Quitéria: palavras de consolo / Primo Pablo: a solução dos problemas

Outro elemento recorrente são os auxílios recebidos em momentos derradeiros. Mãe Quitéria salva Nhô Augusto dos entraves que o deixam a beira da morte e sempre está disponível para palavras de consolo. Já Primo Pablo, parceiro de Santo Cristo em

suas lutas diárias atua deixando disponível aos olhos do protagonista a solução dos seus problemas.

No trecho abaixo, Mãe Quitéria atua de modo consolador, trazendo palavras amistosas, tentando mostrar a Nhô Augusto que Deus também olha por ele

— Vira o demônio de costas, meu filho... Faz o que o seu padre mandou! — Rezo o credo! — Deus está tirando o saco das minhas costas, mãe Quitéria! Agora eu sei que ele está se lembrando de mim... — Louvor ao Divino, meu filho! (Rosa, 2015. p. 326)

Já Pablo, diante das lutas infundáveis de João traz a ele outro tipo de solução. Armas e guerra declarada, drogas e contrabando, revenda ilícita trariam a Santo Cristo o dinheiro para se alimentar

Um peruano que vivia na Bolívia E muitas coisas trazia de lá Seu nome era Pablo e ele dizia Que um negócio ele ia começar E Santo Cristo até a morte trabalhava Mas o dinheiro não dava pra ele se alimentar E ouvia às sete horas o noticiário Que sempre dizia que seu ministro ia ajudar Falou com Pablo que queria um parceiro Que também tinha dinheiro e queria se armar Pablo trazia o contrabando da Bolívia E Santo Cristo revendia em Planaltina Mas Pablo trouxe uma Winchester 22 E Santo Cristo já sabia atirar Ela trazia a Winchester 22 A arma que seu primo ablo lhe deu. (Disponível em <<https://www.vagalume.com.br/legiao-urbana/faroeste-cabloco.html>>)

2.4 A Hora e a Vez de Augusto Matraga / A Hora e a Vez de João de Santo Cristo

Por fim, o leitor desta pesquisa chegará ao momento derradeiro, ao momento de fim de saga, ao momento de redenção dos protagonistas – ambos chegam à sua hora e à sua vez. Nhô Augusto, como pressuposto pelo seu contexto social, encontra sua morte por meio do combate, do duelo

Nhô Augusto bateu a mão na Winchester, do jeito com que um gato poria a pata num passarinho. Alisou coroa e cano. E os seus dedos tremiam, porque essa estava sendo a maior das suas tentações. E aí o povo encheu a rua, à distância, para ver. Porque não havia mais balas, e seu Joãozinho Bem-Bem mais o Homem do Jumento tinham rodado cá para fora da casa, só em sangue e em molambos de roupas pendentes Nhô Augusto falou, enérgico: — Pára com essa matinada, cambada de gente herege!... E depois enterrem bem direitinho o corpo, com muito respeito e em chão

sagrado, que esse aí é o meu parente seu Joãozinho Bem-Bem! E o velho choroso exclamava: — Traz meus filhos, para agradecerem a ele, para beijarem os pés dele!... Não deixem este santo morrer assim... P’ra que foi que foram inventar arma de fogo, meu Deus?! Mas Nhô Augusto tinha o rosto radiante, e falou: — Perguntem quem é aí que algum dia já ouviu falar no nome de Nhô Augusto Estêves, das Pindaibas! —Virgem Santa! Eu logo vi que sé podia ser você, meu primo Nhô Augusto... Era o João Lomba, conhecido velho e meio parente. Nhô Augusto riu: — E hein, hein João?! — P’ra ver... Então, Augusto Matraga fechou um pouco os olhos, com sorriso intenso nos lábios lambuzados de sangue, e de seu rosto subia um sério contentamento. Daí, mais, olhou, procurando João Lomba, e disse, agora sussurrado, sumido: — Põe a benção na minha filha..., seja lá onde for que ela esteja... E, Dionóra... Fala com a Dionóra que está tudo em ordem! Depois, morreu. (ROSA, 2015. p. 328)

Nhô Augusto, manda suas saudações a Dionóra e com sorriso no rosto despede-se do mundo. Nhô Augusto sabe que sua saga chega ao fim de modo honroso. João de Santo Cristo, também por duelo – um duelo realizado por meio da traição, vale dizer, faz uso de um elemento que também está presente em Matraga, a Winchester, trazida por Maria Lucia.

No sábado, então as duas horas
Todo o povo sem demora
Foi lá só pra assistir
Um homem que atirava pelas costas
E acertou o Santo Cristo
E começou a sorrir
Sentindo o sangue na garganta
João olhou pras bandeirinhas
E o povo a aplaudir
E olhou pro sorveteiro
E pras câmeras e a gente da Tv
filmava tudo ali
E se lembrou de quando era uma criança
E de tudo o que vivera até ali
E decidiu entrar de vez naquela dança
Se a Via-Crucis virou circo,
estou aqui
E nisso o sol cegou seus olhos
E então Maria Lúcia ele reconheceu
Ela trazia a Winchester 22
A arma que seu primo Pablo lhe deu
Jeremias, eu sou homem.
Coisa que você não é
E não atiro pelas costas, não
Olha prá cá filho da puta sem vergonha
Dá uma olhada no meu sangue
E vem sentir o teu perdão
E Santo Cristo com a Winchester 22
Deu cinco tiros no bandido traidor
Maria Lúcia se arrependeu depois
E morreu junto com João, seu protetor
O povo declarava que João de Santo Cristo
Era santo porque sabia morrer
E a alta burguesia da cidade não acreditou na história
Que eles viram da Tv. (Disponível em <<https://www.vagalume.com.br/legiao-urbana/faroeste-cabloco.html>>)

Ambos terminam suas sagas mortos. Ambos recebem a redenção “a boca pequena” do povo. Ambas as narrativas revisitam o discurso oral, trazendo a rapidez e a fluidez destes discursos para o ambiente escrito da arte. As colagens elencadas acima

foram recortadas com vistas a ilustrar as possibilidades de diálogo entre os universos artísticos citados.

3. Considerações finais

Rocha (2013) afirma que a leitura é um processo que envolve inúmeros elementos, elementos estes por meio dos quais o leitor deve sair do universo monocromático de significações e transcender para o universo policromático dos significados.

A ideia desta pesquisa foi realizar uma leitura colagem entre estas duas obras, tentando notar nas ideias do cantor notas literárias Roseanas, buscando sempre encontrar nos discursos analisados a emulação, a intertextualidade das produções, tanto com o universo lido como também internamente.

Rocha (2013) define como poética da emulação o resgate moderno de práticas retóricas que foram progressivamente abandonadas depois que o romantismo teve seu advento. (p. 11), afinal, já é tempo de se começar a compreender a obra como um todo coerentemente organizado, percebendo que certas estruturas primárias e primeiras se desarticulam e rearticulam sob formas de estruturas diferentes, mais complexas e mais sofisticadas, à medida que seus textos se sucedem cronologicamente.

Vale salientar ainda que no âmbito social, as obras não explicitam tampouco o problema que abordam ou a conclusão a que chegam. O significado delas dependerá sempre da interpretação do leitor.

4. Referencias

ROSA, GUIMARÃES. **Sagarana**. Editora Nova Fronteira. 2015.

URBANA, LEGIÃO. **Música Faroeste Caboclo**. (Disponível em <<https://www.vagalume.com.br/legiao-urbana/faroeste-caboclo.html>>) Acesso em 10 out 2016.